

***Nova visão cristã da imortalidade e sua  
iconografia***

**Aluna: Magda Luzimar de Abreu**

**Orientador: Prof. Eduardo França Paiva**

**Trabalho final do Curso de Especialização em  
História da Cultura e da Arte**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**2010**

## **Resumo**

Neste trabalho trataremos da representação da imortalidade da alma na cultura Cristã. Utilizamos a pintura como meio de análise. A pintura cristã até o século XIX utiliza símbolos, como os túmulos abertos, a uva e o vinho, que representam a imortalidade através da vitória do Cristo sobre a morte na cruz. A Doutrina Espírita, 1857, propõe nova forma de representar a imortalidade utilizando também a uva como seu símbolo, mas de forma mais simples. Seu objetivo é destacar que a imortalidade é atributo do espírito, e que todos nós somos imortais, independentemente de nossa escolha religiosa.

## **Abstract**

In this paper we will study the representation of the immortality of the soul in Christian culture. Paintings will be used for analysis. Up to the nineteenth century Christian painting used symbols, such as the open grave, the grape and the wine, representing the immortality through the victory of Christ over death on the cross. The Spiritist Doctrine, 1857, proposes a new way of representing immortality using also the grape as its symbol, but in a most simple manner. Its goal is to highlight that immortality is an attribute of all of us, spirits, regardless of our religious choice.

## 1. Introdução

O tema imortalidade da alma tem sido adotado por várias culturas. Platão, na Grécia afirmava que o homem é composto do corpo físico que sempre muda e da alma que o anima. A alma pertence ao mundo das idéias e preexiste a sua existência carnal. Quando o homem nasce ele não se lembra do que aprendeu no mundo das idéias, mas ao vivenciar situações cotidianas ele se lembra do que viu naquele mundo. Segundo Platão a alma pode reencarnar em outros corpos, pois, embora o mundo das idéias seja perfeito o mesmo não acontece com todos os seres. Para Platão o homem é responsável por sua própria situação de perfeição à medida que ele faz coisas boas.<sup>12</sup>

Nas religiões cristãs o Cristo é o meio através do qual o homem pode ser salvo de suas más ações. Como o Cristo sobreviveu à morte, a salvação do ser está relacionada ao poder divino de conceder-lhe vida eterna. A alma, assim, adquire imortalidade após vivenciar a vida carnal, contanto seja praticante das idéias cristãs.

Estes dois exemplos, entre outros, nos permitem afirmar que o tema imortalidade da alma faz parte da História Cultural da Humanidade. O tema é representado na Arte e trataremos aqui de sua expressão na pintura cristã. Neste meio ela é freqüentemente apresentada na representação da ressurreição do Cristo que na última ceia, com seus apóstolos, teria apresentado o vinho como seu sangue. Como o sangue é associado à vida, e como Jesus venceu a morte ressuscitando, o vinho, a videira e a uva têm sido utilizados como símbolos da imortalidade.

Neste trabalho apresentaremos a videira ilustrada no Livro dos Espíritos como símbolo iconográfico do novo conceito de imortalidade da alma, e compararemos esta representação com a utilizada no catolicismo. Para tal será desenvolvida a análise iconográfica de uma pintura que trata da associação entre a uva, e seus elementos correlatos, com a ressurreição do Cristo.

---

<sup>1</sup> Paulo, M. N. Indagação sobre a imortalidade da alma em Platão. EDIPUCRS, Porto Alegre, 141 p., 1996.

<sup>2</sup> Pessanha, José Américo Motta. Platão: Diálogos. Editora Nova Cultural, São Paulo, 265 p., 1987.

Trataremos também do uso da videira como representação do espírito nos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos* (Kardec, 1991)<sup>3</sup>. Nesta representação o tema imortalidade é apresentado como atributo do espírito, criado por Deus. Jesus é também espírito imortal, em estágio de evolução superior ao da humanidade terrena. Sua mensagem é um roteiro para o ser imortal, reencarnado em um corpo material que lhe serve como instrumento para seu aprimoramento espiritual. O ser é seu próprio salvador quando ele exerce o bem em favor de si mesmo e dos outros seres. Ao final de sua vida ele retorna ao Mundo Espiritual, onde os espíritos, como ele mesmo, vivem e de onde eles se originaram antes de nascer no mundo físico.

## **2. O conceito de imortalidade e suas representações**

Em 1857 Kardec (1991)<sup>3</sup> lançou na França a Doutrina Espírita, através da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Nos Prolegômenos, Kardec apresenta o desenho de uma cepa, um ramo de uma videira (figura 1). Este ramo foi desenhado pelos Espíritos, “mortos”, autores do livro. Eles apresentam uma interpretação para a videira:

“Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessência o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos.”

(Kardec<sup>3</sup>, pág. 49).

---

<sup>3</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.



Figura 1: Cepa de O Livro dos Espíritos. Fonte da imagem: Kardec<sup>2</sup>, pág. 48.

Esta interpretação indica que o conceito de imortalidade colocada pelos espíritos não trata de uma vida de contemplação em um plano invisível, mas de trabalho do espírito imortal na depuração de si mesmo (“O homem quintessência o espírito pelo trabalho...”), através das reencarnações (“... o trabalho do corpo...”). Além disso, o espírito depurado trabalha na obra do Criador, Deus, auxiliando os espíritos inferiores. Jesus, definido pelos espíritos como “O Guia e Modelo da Humanidade”, na resposta à questão 625 do mesmo livro, é exemplo de espírito puro que vem ao mundo para nos dar exemplos de sua convicção na eternidade da vida.

Pergunta 625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo? “Jesus.”

(Kardec<sup>3</sup>, pág. 308)

As idéias kardequianas, até certo ponto, contemplam as de Platão. Segundo Kardec Platão (figura 2), agora espírito vivendo no mundo dos mortos, é um dos autores do texto dos Prolegômenos. Assim ele dá testemunho de sua vida imortal e do mundo espiritual, ao qual anteriormente ele denominou de Mundo das Idéias.



Escola de Atenas representando, entre outros cenários, um diálogo entre Platão e Aristóteles que busca os valores essenciais do ser humano nas coisas visíveis ou “reais”, e aponta horizontalmente. Platão aponta para cima indicando que os valores “reais” estão no invisível, acima do homem.

Figura 2: A Escola de Atenas de Rafael Sanzio (detalhe). Fonte da imagem: <http://www.wga.hu/index1.html>, acessado em 04/07/2010.

Aproximadamente 400 anos após Platão a humanidade conhece outro conceito de imortalidade. Jesus, segundo os textos bíblicos não apenas fala sobre este conceito, mas o demonstra.

Nos textos cristãos, segundo as escrituras do Novo Testamento, antes de ser entregue às autoridades judaicas e romanas, Jesus jantou com seus apóstolos na comemoração da Páscoa judaica. Neste episódio ele teria repartido pão e servido-lhes vinho. O texto bíblico descreve:

“E tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue...”

(Mateus 26: 27 e 28<sup>4</sup>).

Não é sem razão que Jesus, segundo os textos bíblicos, utilizasse este símbolo. Na cultura hebraica a videira era tida como árvore sagrada<sup>5</sup>. O próprio Jesus teria se denominado de videira:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.”

(João 15: 1<sup>5</sup>).

<sup>4</sup> BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida na Grafia Simplificada. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1996.

<sup>5</sup> Chavalier, Jean e Gheerbrant, Alain. Dicionário de Símbolos. Editora José Olympio Ltda, Rio de Janeiro, 2009.

A cultura cristã se apropriou deste símbolo do judaísmo. Segundo Chartier (1988) a apropriação é um dos elementos da História das Mentalidades. Os grupos sociais criam símbolos, tanto quanto se apropriam de símbolos de outros grupos sociais. Entendemos que tal procedimento constitui prática em todas as sociedades e contribui para construir a história cultural a partir das interpretações dos símbolos.

“A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.”

(Chartier<sup>6</sup>, pág. 26).

Por outro lado, segundo Kardec<sup>7</sup>:

“A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.”

(Kardec<sup>4</sup>, pág. 45).

Esta afirmativa dos “espíritos” indica que há uma ligação entre as idéias remotas da imortalidade, as cristãs, e as da Doutrina dos Espíritos. Defendendo a imortalidade como atributo de todo espírito a Doutrina Espírita apresenta que é natural a

---

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. (trad. port.) Lisboa: DIFEL, 1990.

<sup>7</sup> KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

preocupação do homem com relação a este tema. Como os homens são espíritos que deixam o Mundo Espiritual para nascerem na terra ele guardam reminiscências da sua vida no além. Quer a denominem como Mundo das Idéias, Céu, ou Plano Espiritual, o ser guarda lembranças da pátria de onde eles vieram.

No contexto das representações Chevalier e Gheerbrant (2009)<sup>5</sup> afirmam que a representação da videira na arte funerária cristã atribui a este símbolo a imortalidade. O vinho, em razão de sua cor, é associado ao sangue e conseqüentemente à vida e à imortalidade.

Os textos bíblicos descrevem que após a morte de Jesus seu corpo foi enterrado em um túmulo doado por José de Arimatéia (Mateus 27: 57)<sup>5</sup>. Temendo que ele fosse roubado por seus seguidores, as autoridades farisaicas determinaram que soldados vigiassem o túmulo. No terceiro dia após a crucificação, mulheres a ele relacionadas, entre as quais Maria, sua mãe, e Maria de Magdala, também conhecida como Madalena ou Magdalena foram ao túmulo ungir o corpo, como era o costume judeu (Lucas 24: 1)<sup>5</sup>.

Ao chegarem ao túmulo ele estava vazio e um anjo o guardava. Ele lhes disse que Jesus não estava mais lá, pois havia ressuscitado, ressurgido dos mortos. Elas deveriam ir à Jerusalém avisar aos apóstolos. Foi o que elas fizeram (Marcos 16: 1 a 8)<sup>5</sup>. Porém houve dúvidas entre os apóstolos se tal fato seria verdade.

Logo após estes eventos, narram os textos evangélicos, dois dos discípulos que seguiam Jesus foram abordados por Ele, mas não o reconheceram. Tal reconhecimento só ocorreu durante uma ceia entre Jesus e estes discípulos. Outros eventos são descritos sugerindo que muitos viram Jesus ressuscitado. As narrativas terminam com a descrição da ascensão de Jesus ao céu, na Galiléia, presenciada por mais de 500 pessoas, entre as quais seus apóstolos.

Em razão destas narrativas bíblicas as pinturas cristãs, ao representarem estes eventos, utilizam, entre outras, as imagens de túmulos vazios, da ascensão ao céu, da ceia com os discípulos de Emaús. Utilizam também elementos simbólicos



representativos do conceito da imortalidade. Aqui daremos ênfase à análise iconográfica de pinturas que tratam a imortalidade.

### 3. Alegoria da Eucaristia

A pintura da figura 3 é denominada *Alegoria da Eucaristia*. Trata-se de uma tela de Francisco Quispe, pintor identificado como da Escola Quiteña ou Escola de Quito. A tela foi pintada em Quito, em 1668. Aqui fazemos um desvio da análise para apresentar as principais características desta escola classificada, no Equador, como colonial. Segundo Donoso (2002)<sup>8</sup> Quispe é um pintor indígena. Sua única obra conhecida é a aqui analisada. Ela se encontra no Museu Fray Pedro Gocial, do Convento de São Francisco, em Quito. Ela tem uma inscrição onde se lê: “Este lienzo é de Francisco Quispe, acabose en el año de 1668 a 27 de octubre del mesmo año”.

Entre as principais características da Escola de Quito, segundo Donoso (2002)<sup>8</sup>, podemos destacar o fato de ela ser um produto da miscigenação cultural, caracterizado pela combinação e adaptação de elementos europeus e indígenas. Esta característica indica que pintores como Quispe se apropriaram de elementos da representação cristã europeia, mas não abriram mão dos de sua própria cultura. Esta miscigenação de valores culturais justifica o termo "Quiteñização", segundo Donoso, dos personagens representados. Tal miscigenação se manifesta através da representação na pintura da mistura das características e costumes locais com elementos europeus. Exemplos desta miscigenação são observados no uso freqüente de costumes indígenas ancestrais em contraste com a representação, simultânea, de paisagens urbanas e rurais andinas. Por outro lado a flora e fauna locais são muitas vezes, representadas com elementos da iconografia europeia tradicional.

---

<sup>8</sup> Donoso, Magdalena Gallegos. Proyecto Museo Virtual – Período Colonial. Banco Central do Equador, 2002. Disponível em <http://museos-ecuador.bce.ec/bce/html/arte/default.htm>, acessado em 06/06/2010.

Outra característica desta escola é o uso, entre seus pintores, da técnica de “encarnado”, que busca tornar a cor da pele a mais natural possível. Verificamos esta técnica presente nos trabalhos de Aleijadinho na encenação da Paixão de Cristo em Congonhas, dos quais quatro são atribuídos a Manuel da Costa Athayde<sup>9</sup>.



Alegoria da Eucaristia: apresenta o Cristo sentado no túmulo espremendo o cacho de uva que origina o vinho.

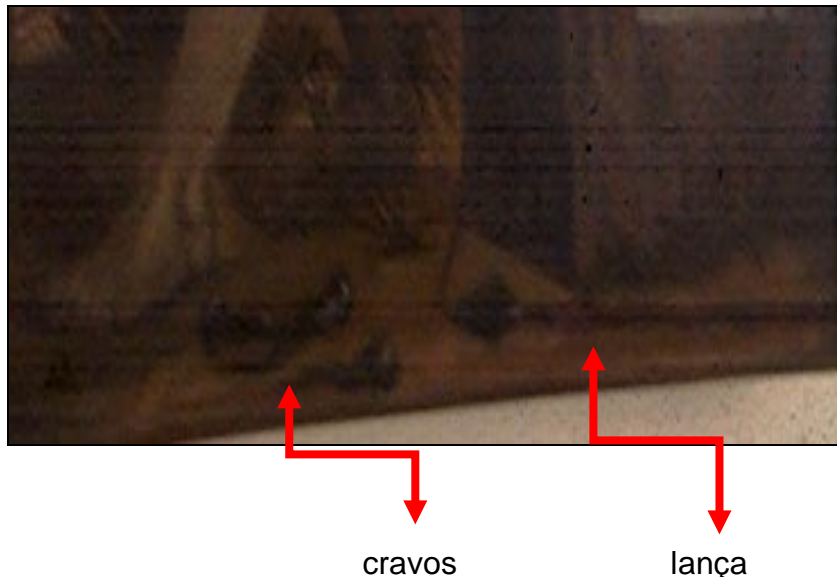
Figura 3: Alegoria da Eucaristia de Francisco Quispe. Fotografia: Eduardo França Paiva

A tela *Alegoria da Eucaristia* apresenta a ressurreição de Cristo. Jesus está assentado sobre o túmulo que antes abrigava seu corpo, morto. Ele triunfa sobre a morte. Um anjo o assessora, segurando o cálice, possivelmente o que ele utilizou na última ceia (Mateus 26:27)<sup>5</sup>. Sua mão esquerda apresenta a marca do cravo que o prendeu à cruz (figura 3). Os cravos estão no chão, próximos aos seus pés, e também uma lança que parece representar a que foi utilizada pelo soldado romano após sua morte (figura 4):

<sup>9</sup> Pignataro, Marley Spinaly de Mendonça. Athayde - As multifaces de um artista barroco mineiro (branco e preto, azul e vermelho). Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Filosofia e Letras, 130 p., 1983.

“Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas. Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.”

(João 19: 33 e 34<sup>5</sup>).



Alegoria da Eucaristia:  
(detalhe).

Figura 4: Alegoria da Eucaristia de Francisco Quispe. Detalhe mostrando os cravos e a lança no chão. Fotografia (detalhe): Eduardo França Paiva.

Alguns símbolos podem ser identificados na pintura e parecem estar bastante apropriados para constarem de uma tela sobre a narrativa bíblica da Ressurreição do Cristo. Identificá-los é interpretá-los, como descrito em Peter Burkert<sup>10</sup>, segundo os dois primeiros níveis de significado apresentados por Panofsky<sup>11</sup>. Estes níveis compreendem a pré-iconografia que permite identificar os objetos e eventos propostos pelo pintor. Nesta tela identificamos a parreira, os cachos de uva, o vinho e uma ave.

No segundo nível de significado a análise iconográfica nos permite identificar o significado convencional dos elementos do quadro, tais como: associar o homem sentado na estrutura em formato de túmulo como Jesus (ele tem barba e cabelos longos, está assentado com aparência calma). Segundo Panofsky:

<sup>10</sup> Burkert, Peter. Testemunha Ocular. EDUSC, Bauru, 2004.

<sup>11</sup> Panofsky, Erwin. Estudos de Iconologia: Temas humanísticos na Arte do Renascimento. Editorial Estampa, Lisboa, 1986.

“A identificação de tais *imagens, histórias e alegorias* pertence ao campo da iconografia no sentido mais restrito da palavra. Na realidade quando falamos vagamente de “*conteúdo temático como oposto a forma*”, referimo-nos especialmente à esfera do conteúdo *secundário* ou *convencional*, isto é, ao mundo dos *temas* e *conceitos* específicos que se manifesta através de *imagens, histórias e alegorias*, por oposição à esfera do conteúdo *primário* ou *natural* que se manifesta em *motivos* artísticos.”

(Panofsky<sup>11</sup>, pág. 21).

Porém para Burker o terceiro nível é o principal, é o da interpretação iconológica que permite identificar atitudes e crenças de uma nação ou de um grupo cultural. Segundo Burker, descrevendo sobre os níveis de interpretação de Panofsky:

“O terceiro e principal nível, era o da interpretação iconológica, distinguia-se da iconografia pelo fato de se voltar para o “significado intrínseco”, em outras palavras, “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica”.”

(Burker<sup>10</sup>, pág. 45).

Voltando à análise da pintura, do corpo de Jesus surge uma parreira que parece nascer em seu peito (figura 5). Ela cresce e frutifica vários cachos de uva. Jesus amassa com as mãos um deles e faz o vinho que enche o cálice. Este vinho simboliza seu sangue, como indicado no texto bíblico mencionado anteriormente. Apesar de ter sido derramado o sangue de Jesus na cruz, Ele agora surge triunfante sobre a morte. Sobre sua cabeça a coroa de espinhos que lhe foi dada para identificá-lo como rei dos judeus apresenta um brilho, indicando que este é um rei que reina sobre as trevas.

A ave parece ser um galo em razão da crista vermelha que ele apresenta (figura 6). Ele pode representar uma associação com o apóstolo Pedro<sup>12</sup> que negou Jesus três vezes antes do amanhecer.

O galo representa também, entre outros símbolos, a luz nascente. Ele anuncia o novo dia que sucede à noite. Como símbolo cristão ele é um emblema do Cristo representando luz e ressurreição. Nas igrejas ele é posicionado nos pontos mais altos e nas torres das catedrais, significando a superioridade do espiritual durante a vida humana<sup>6</sup>. O galo então reforça a idéia da vitória do Cristo sobre a morte e o papel da igreja católica como sua representante.



Alegoria da Eucaristia: (detalhe).

Figura 5: Alegoria da Eucaristia de Francisco Quispe. Detalhe mostrando o anjo, a uva amassada e o líquido (vinho). Fotografia (detalhe): Eduardo França Paiva.

A pintura de Francisco Quispe ilustra algumas das características da Escola de Quito indicadas anteriormente, particularmente no que se refere à apropriação de representações como afirma Chartier<sup>6</sup>. Embora sendo um pintor indígena, ele apresenta símbolos cristãos, sugerindo que ele tinha acesso a trabalhos da escola europeia de pintura. Ele também representa a relação entre tais símbolos e a igreja católica.

<sup>12</sup> Autoria não identificada. O Crucifixo Bizantino de S. Damião. Disponível em <http://franciscodeassis.no.sapo.pt/bizantino.htm>, acessado em 22/12/2010.



Alegoria da  
Eucaristia:  
(detalhe).

Figura 6: Alegoria da Eucaristia de Francisco Quispe. Detalhe mostrando o galo. Fotografia (detalhe): Eduardo França Paiva.

#### 4. Cepa de *O Livro dos Espíritos*

A gravura da figura 1 apresentando a cepa de *O Livro dos Espíritos* destaca a simplicidade do símbolo da imortalidade da alma. Na gravura os espíritos destacam a analogia entre as propriedades da videira e os atributos do espírito (imortalidade) e o mecanismo através do qual o espírito ganha domínio de si mesmo.

Analisando a cepa segundo os níveis de significado apresentados por Panofsky<sup>11</sup>, constatamos que o segundo nível de significado da análise iconográfica identifica o seu significado convencional: a uva que se reproduz, nascendo, extinguindo e renascendo.

O terceiro nível, o da interpretação iconológica, indica, segundo a obra kardequiana, que: "... o espírito é o licor..."<sup>3</sup>. Desta forma quando o texto bíblico sugere que o vinho é o sangue de Jesus, imortal, deduzimos que se o espírito é o licor, ele também é imortal, "... a alma ou espírito ligado à matéria é o bago..."<sup>3</sup>. O símbolo do bago aqui representa a reencarnação do espírito, licor, que fica confinado ao corpo físico. Nesta nova concepção de imortalidade nós, Humanidade, espíritos imortais nos aprimoramos, ou seja, evoluímos espiritualmente, independentemente de raça,

condição social, ou credo religioso através do “... trabalho do corpo...”<sup>3</sup>, isto é, da reencarnação, como apresentado nas perguntas 166 a 167 de O Livro dos Espíritos.

Pergunta 166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se? “Sofrendo a prova de uma nova existência.”

Pergunta 166.a. Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito? “Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

Pergunta 166.b. A alma passa então por muitas existências corporais? “Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

Pergunta 166.c. Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender? “Evidentemente.”

Pergunta 167. Qual o fim objetivado com a reencarnação? “Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”

(Kardec<sup>3</sup>, págs. 120 e 121)

A ceifa expressa a mensagem divina da imortalidade. Desta forma o espírito, imortal, conquista sua própria salvação quando coloca em prática a mensagem do irmão maior, Jesus, o Cristo. Para o espírito, a morte não existe, mas sim o aprendizado em diferentes vidas, como a uva da vinha que submetida à pressão que gera o suco renasce novamente da parreira que mantêm a vida.

Observa-se que, ao contrário das pinturas cristãs, não existe associação na gravura com qualquer escola religiosa. A imortalidade aqui é vista como atributo de todos, concedido por Deus, o Criador. Jesus, como já mencionado, assumido como “Guia e Modelo da Humanidade”<sup>3</sup>, é referência, mas não propriedade de uma dada religião

cristã. Todo ser é imortal, o que se busca é estar bem e em sintonia com as leis do Criador.

Apesar da simplicidade da representação na gravura atribuída aos espíritos na obra kardequiana, identifica-se aqui a apropriação de um símbolo cristão na apresentação do conceito acerca da imortalidade do espírito. A forma de sua utilização se diferencia quando ela não invoca a imagem de Jesus e de outros símbolos das igrejas cristãs, particularmente a Católica, como exemplificado na tela de Quispe (figura 3).

## **5. Considerações finais**

A imortalidade da alma é um conceito que permeia, ousamos sugerir, todas as culturas humanas. Ela é representada em culturas tão antigas quanta a egípcia, que dá a ela importância destacada, quando constrói estruturas arquitetônicas, as pirâmides, e pinturas que a exaltam, preparando sua população para vivenciá-la, inevitavelmente.

Cada grupo social a representa simbolicamente de uma forma diferenciada da outra. Porém, estes símbolos são, não raramente, apropriados de umas culturas por outras. Assim, constroem-se a História Cultural através da representação dos valores de cada grupo social e da forma como cada grupo apropria-se destas representações.

“A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”

(Chartier<sup>7</sup>, págs. 16 e 17).



A uva, como símbolo da imortalidade, é universalmente utilizada, pois está presente em inúmeras culturas humanas representando, além da imortalidade, o conhecimento, a pré-existência<sup>5</sup>. Ela está amplamente presente na pintura cristã. Isto ocorre em razão da representação do texto bíblico relativo ao diálogo atribuído a Jesus com seus apóstolos, no qual Ele menciona que o vinho, utilizado na comemoração da Páscoa judaica, que lembra a libertação deste povo da escravidão pelos egípcios, representa o seu sangue.

A nova visão da imortalidade apresentada pelo Espiritismo é representada, através do uso da imagem do símbolo da uva. Destaca-se no seu uso sua representação do espírito imortal que se aprimora através das inúmeras existências que ele experimenta. Ela é apresentada por si mesma, pois, segundo esta recente religião cristã, Jesus é também espírito imortal, mais evoluído que os demais espíritos que habitam o planeta Terra.

Esta visão se diferencia das demais religiões cristãs que apresentam a uva como símbolo do sangue de Jesus que, tendo sido morto, surge vencedor sobre a morte. Desta forma as imagens que apresentam este tema freqüentemente introduzem representações humanas simbolizando o Cristo, associadas a túmulos, sobre ou acima dos quais Jesus se destaca. A pintura de Quispe representa a ressurreição com vários elementos, entre os quais destacamos a parreira e o túmulo.

Em ambas as representações aqui apresentadas observam-se a apropriação de símbolos cristãos, particularmente a uva e/ou a parreira. A diferença entre elas destaca a forma de entendimento sobre o conceito de imortalidade desde os primórdios da Igreja Católica, no século IV, até o advento do Espiritismo, no século XIX.

As diferenças conceituais e as apropriações dos mesmos símbolos, relacionados a um mesmo tema da História Cultural, no nosso caso a Imortalidade, levam-nos a refletir sobre as bases teóricas da História das Mentalidades. Uma destas bases se

relaciona à necessidade de superar a temporalidade dos fatos passados<sup>13</sup>. Nesta abordagem destacamos o conceito de tempo de longa duração (séculos e milênios).

Várias idéias perpassam o tempo cronológico e são compartilhadas por inúmeros grupos sociais, entre os quais podemos mencionar os dogmas religiosos. Tais idéias são mutáveis, mas suas mudanças ocorrem lentamente. Isto ocorre com o tema Imortalidade. Ela é inerente à cultura humana, mas tem-se alterado, embora lentamente, ao longo de sua história. Assim, desde Platão o homem tenta defender a idéia de que ele é um ser imortal, vencendo seu mais temível medo, a morte! A Igreja Católica a cultiva como ponto máximo de sua doutrina. O Espiritismo a apresenta a todos trabalhando-a como fato natural da vida do ser!

Atualmente a Imortalidade ganhou uma aliada científica, a História das Mentalidades. Graças a ela temos a possibilidade de tratar deste tema no contexto da História Cultural.

---

<sup>13</sup> Pesavento, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Editoria autêntica, Belo Horizonte, 130 p., 2008.